

AVALIAÇÃO DE ROTEIROS DE AUDIODESCRIÇÃO: UMA PROPOSTA VIA INTERFACE ENTRE OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO E A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

*Assessment of audio-description scripts:
A proposal via interface between Translation Studies and Systemic-Functional Linguistics*

DOI: [10.14393/LL63-v35n2-2019-3](https://doi.org/10.14393/LL63-v35n2-2019-3)

Pedro Henrique Lima Praxedes Filho*

Vera Lúcia Santiago Araújo**

Kethleen de Almeida Claudino***

RESUMO: A audiodescrição-AD, tradução de imagens em palavras, torna acessível produtos (audio)visuais a pessoas com deficiência visual via roteiro e narração/locução. Pensava-se ser possível a neutralidade em ambos. Para abordar essa questão com audiodescritores em formação, elaboramos uma proposta de avaliação de roteiros de AD que demonstrasse a existência e tipo de avaliação neles e as implicações em sua formação. A proposta baseia-se no Sistema de Avaliatividade-SA, parte da Linguística Sistêmico-Funcional hallidayana. O SA contempla três grandes áreas de significados avaliativos que evidenciam como audiodescritores avaliam. Este artigo objetiva compartilhar os resultados de aplicação piloto da proposta via análise dos roteiros de um filme, uma peça e uma pintura. A proposta revelou-se efetiva para informar a formação, indicando: os tipos de avaliação a serem enfatizadas dependendo dos aspectos do texto visual a serem priorizados na descrição; a necessidade de que desvios e inferências descritivos expressos categoricamente sejam evitados e como fazê-lo.

PALAVRAS-CHAVE: Audiodescrição (AD). Tradução Audiovisual Acessível (TAVa). Estudos da Tradução. Linguística Sistêmico-Funcional. Sistema de Avaliatividade (SA).

ABSTRACT: Audio-description-AD, translation of images into words, turns (adio)visual products accessible to the visually-impaired via a script and a narration/locution. Early professionals thought neutrality in both was possible. To address this issue with in-training audio-describers, we designed a proposal for assessing scripts that would demonstrate the presence and type of evaluation and the implications to training. This proposal is based on the Appraisal System-AS, within Hallidayan Systemic-Functional Linguistics. The AS encompasses three evaluative meaning areas that reveal how audiodescribers evaluate. This article's purpose is to share the results of a pilot application of the proposal by analysing scripts of a film, a play, and a painting. The proposal proved effective so as to informing the training, pointing out: the types of evaluations to be emphasized depending on aspects of the visual text to be prioritized in descriptions; the need to avoid descriptive categorical deviations and inferences and how to do so.

KEYWORDS: Audio-description (AD). Accessible Audiovisual Translation. Translation Studies. Systemic-Functional Linguistics. Appraisal System.

* Doutor, Universidade Estadual do Ceará (UECE). ORCID: [0000-0003-4786-0051](https://orcid.org/0000-0003-4786-0051). E-mail: [pedro.praxedes\(AT\)uece.br](mailto:pedro.praxedes(AT)uece.br)

** Doutora, Universidade Estadual do Ceará (UECE). ORCID: [0000-0002-4654-8747](https://orcid.org/0000-0002-4654-8747). E-mail: [verainnerlight\(AT\)gmail.com](mailto:verainnerlight(AT)gmail.com).

*** Mestranda, Universidade Estadual do Ceará (UECE). ORCID: [0000-0002-4281-2272](https://orcid.org/0000-0002-4281-2272). E-mail: [almeidaleen\(AT\)gmail.com](mailto:almeidaleen(AT)gmail.com).

1 Introdução

A audiodescrição (AD) é a modalidade de tradução audiovisual acessível (TAVa) que traduz imagens em palavras para que pessoas com deficiência visual (PcDVs) tenham acesso a produtos multimodais tais como filmes, peças de teatro, obras de arte e espetáculos ao vivo. Como atividade profissional, vem sendo realizada desde a década de 1970, tendo surgido nos EUA. Como disciplina acadêmica, porém, tem pouco mais de 15 anos.

A reflexão teórica foi iniciada por audiodescritores profissionais, que acreditavam no não envolvimento do profissional tanto na elaboração do roteiro quanto na narração/locução. Segundo eles, o texto não deveria "interpretar", deixando que a PcDV fizesse suas próprias inferências, assim como a voz do narrador/locutor não poderia ser modulada de modo a expressar emoções; logo, surgia, assim, o chamado parâmetro de neutralidade em AD. Essa questão da neutralidade é atestada em Benecke (2004), Hyks (2005) e Snyder (2005).

Dado que o tradutor é também autor, esta visão acontece, a nosso ver, porque esses profissionais não reconhecem a AD como tradução, já que nem mesmo mencionam os Estudos da Tradução (ET) em seus trabalhos. A exceção é Hyks (2005), que faz menção aos ET, mas para dizer categoricamente que a AD não é tradução, apesar de seus artigos constarem numa revista dedicada à disciplina. Embora enfatizem a complexidade do processo, Benecke, por exemplo, diz que "uma boa audiodescrição deve ser discreta e neutra, mas nunca sem vida ou monótona"¹ (2004, p. 80). Aqui temos uma contradição: como pode algo neutro (fora do sujeito) não ser monótono? Não é o próprio sujeito que torna sua descrição interessante? Quem põe significado tanto no roteiro quanto na locução não são os próprios roteiristas e narradores/locutores? É importante notar que Benecke, no que diz respeito à locução, foi o primeiro a reconhecer a possibilidade de se construir significados em AD também por meio da voz. Contudo, vale salientar que os trabalhos produzidos por esses audiodescritores nada têm de "neutro", pois trazem linguagem bem rebuscada e enriquecida suas interpretações, sendo, portanto, bastante singulares, subjetivos e com a assinatura de quem os fez.

O que ocorre é a existência de uma visão ainda distorcida, entre audiodescritores profissionais e novatos, sobre os termos 'objetivo' x 'subjetivo' e 'neutro' x 'interpretativo'.

¹ Na fonte: "[g]ood audio-description should be unobtrusive and neutral, but not lifeless and monotonous". Esta e as demais traduções são de nossa autoria.

Com o objetivo de abordar essa questão com nossos alunos de graduação e especialização – ou seja, audiodescritores em formação –, decidimos construir uma proposta de avaliação de roteiros de AD – no âmbito do grupo de pesquisa ‘Legendagem e Audiodescrição’ (LEAD), vinculado ao Laboratório de Tradução Audiovisual (LATAV)² –, que lhes demonstrasse o quanto seus roteiros são avaliativos, que tipo de avaliação eles contêm e as implicações da aplicação dela na formação. A proposta fundamenta-se no Sistema de Avaliatividade (SA), cujos pressupostos teóricos remetem à Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (HALLIDAY, 1978; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), e consiste na análise dos roteiros dos alunos a partir das categorias fornecidas pelo SA, discutidas na Seção 2 deste artigo, e utilização dos resultados como um dos parâmetros de instrução.

A LSF é uma teoria linguística para a qual a semântica é tripartite: há significados ideacionais ou de conteúdo, interpessoais ou de inter(ação) e textuais ou de construção de textos³. Os significados avaliativos, por serem aqueles por meio dos quais as pessoas constroem suas identidades na relação com seus interlocutores, encontram-se na seara da metafunção interpessoal, juntamente com os significados relativos às trocas de informações e bens & serviços entre interactantes (MARTIN; WHITE, 2005). Constituem um sistema, ou melhor, uma rede de sistemas. A rede contempla três áreas de avaliação: atitude, relativa aos sentimentos; engajamento, relativa ao diálogo entre a voz avaliativa autoral e outras vozes avaliativas extratextuais; e gradação, relativa à mitigação ou exacerbação das avaliações de atitude e engajamento.

Foi por meio do trabalho de Praxedes Filho e Magalhães (2013; 2015) que vislumbramos a possibilidade de o SA poder auxiliar na construção de roteiros em que os audiodescritores pudessem ter mais controle sobre suas escolhas tradutórias. Os autores conduziram um estudo descritivo para avaliar roteiros de AD de pinturas em inglês e português, declarados como neutros por seus autores, com o objetivo de demonstrar que não o são. Os resultados indicaram uma maior adesão ao parâmetro da neutralidade por parte dos audiodescritores brasileiros. Visto que a prática de AD chegou ao Brasil somente no início dos anos 2000, é possível que a explicação diga respeito ao fato de que os norte-americanos, por fazerem audiodescrição há mais tempo, já podem ter

² O LATAV é ligado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE.

³ Os três domínios de significados constituem-se nas funções universais das línguas ou suas metafunções.

percebido, intuitivamente, que o mesmo é impossível de ser implementado, apesar de ter sido nos EUA que a necessidade de neutralidade e objetividade se estabeleceu como parâmetro obrigatório. Os brasileiros, mais novatos na descrição de imagens com o propósito de propiciar acessibilidade, ainda podem continuar acreditando nessa regra importada sem problematizá-la, produzindo textos mais lacônicos e menos interpretativos.

Além do não enquadramento da AD como tradução pelos primeiros audiodescritores, outro fator que contribui para esta crença reside nos guias que normatizam a atividade. Alguns dão instruções explicitamente inviáveis; outros, contêm instruções contraditórias. Como exemplos, citamos os guias americano e francês, respectivamente. O primeiro prescreve que sejam usados “somente aqueles adjetivos e advérbios que não oferecem julgamentos de valor e que não são sujeitos à interpretação”⁴ (STANDARDS, 2009, p. 2). Ao mesmo tempo em que o guia francês admite que roteiros de AD são textos autorais e criativos que devem ensejar emoção, prescreve que não deve haver interpretação das imagens e “a voz ... deve ... manter uma certa neutralidade”⁵ (CHARTE, 2008, n.p.).

Este artigo tem como objetivo, então, relatar resultados de aplicação piloto de nossa proposta de avaliação de roteiros de AD. Para isso, está dividido em mais quatro seções. Na segunda, abordamos os pressupostos teóricos que fundamentaram a construção da proposta. Na terceira, descrevemos as pesquisas realizadas que se constituem na base para a proposta. Na quarta, detalhamos da avaliação de três roteiros produzidos na UECE para filme (‘A Entrevista’, 2012), peça teatral (‘Miralu e a Luneta Encantada’, 2016) e pintura (‘Caçadores na Neve’, 1565). Na última, apresentamos as considerações finais, comentando os resultados e fazendo uma estimativa dos desdobramentos da proposta também para a locução.

⁴ Na fonte: “Use only those adjectives and adverbs that do not offer value judgments and that are not themselves subject to interpretation”.

⁵ Na fonte: “La voix ... doit ... garder une certaine neutralité”.

2 Sistema de Avaliatividade

Um sistema linguístico, no âmbito da LSF, nem sempre pode ser equacionado com 'o' sistema linguístico saussureano, apesar de que este é também reconhecido pelos systemicistas. Esse outro tipo de sistema linguístico decorre de uma abordagem de língua como 'escolha', estando, portanto, conceitualmente relacionado a recursos linguísticos em relação paradigmática uns com os outros (HALLIDAY; MATTIENSON, 2004).

Desse ponto de vista, então, um sistema ou paradigma é um conjunto de termos (recursos) à disposição dos falantes/escritores para que escolhas sejam feitas tendo em vista a construção de textos falados, escritos ou sinalizados. No escopo da metafunção interpessoal, é sempre necessário decidir, por exemplo, quanto à polaridade de cada oração de um dado texto em construção, o que significa dizer que escolhas, entre os termos 'positiva' ou 'negativa', devem ser feitas dentro do sistema chamado POLARIDADE.

É claro que a escolha pela polaridade de uma oração não é suficiente para que já se tenha essa oração estruturalmente completa, muito menos para que já se tenha o texto concluído. A implicação disso é que uma língua se constitui de uma grande quantidade de sistemas tal como definidos acima. Os muitos sistemas de uma língua são interdependentes e se organizam em redes, que são chamadas de redes de sistemas. Na representação gráfica de uma rede, os sistemas são dispostos da esquerda para a direita.

O princípio organizador de uma rede é a delicadeza ou detalhamento/refinamento das escolhas nos sistemas. Para a troca de informações ou bens & serviços com interlocutores, além do sistema POLARIDADE, há o sistema TIPOS DE MODO com os termos 'indicativo' ou 'imperativo', que se encontra em nível de delicadeza ainda não suficientemente detalhado/refinado. Se a intenção é trocar informação, por exemplo, a escolha deve recair sobre o termo 'indicativo'. Essa escolha leva a outro sistema no nível de delicadeza subsequente à direita: TIPOS DE INDICATIVO. Os termos são 'declarativo' ou 'interrogativo'. Se o propósito é demandar informação, a escolha deve ser pelo termo 'interrogativo'. Essa escolha leva a um outro sistema em nível de delicadeza mais detalhado/refinado mais à direita. Quanto mais à direita está um sistema dentro de uma rede, mais delicado ele é.

Enquanto os sistemas usados como exemplos até aqui são lexicogramaticais, os sistemas que compõem a rede de sistemas de avaliatividade são semânticos: as escolhas são

por significados avaliativos. Trata-se de uma rede com seis níveis de delicadeza. Contudo, para viabilizar nossa proposta de avaliação de roteiros de AD, decidimos que as análises contemplariam apenas até o segundo nível. São duas as razões que justificam a decisão: 1) os termos dos sistemas do terceiro nível de delicadeza em diante são tão refinados/detalhados que se mostraram improdutivos quanto a nosso propósito e 2) a análise exigiria sempre tanto trabalho e tempo que dificultaria a aplicação da proposta.

A condição de entrada inicial à rede é o termo ‘avaliatividade’, que conduz ao sistema de primeiro nível de delicadeza TIPOS DE AVALIATIVIDADE. Seus termos são ‘atitude’, ‘engajamento’ e/ou ‘gradação’ (MARTIN; WHITE, 2005), que representam três subconjuntos de significados avaliativos e dão origem a três subredes dentro da rede maior.

Atitude é a área de significados avaliativos relativos a avaliações dos sentimentos. O termo ‘atitude’ é a entrada ao sistema de segundo nível de delicadeza TIPOS DE ATITUDE, cujos termos são: ‘afeto’, ‘julgamento’ e/ou ‘apreciação’. Quando a escolha é por ‘afeto’, são sentimentos emotivos, a ver com as emoções, que são avaliados. Se a escolha é por ‘julgamento’, são avaliados sentimentos éticos, relativos aos comportamentos. E, no caso da escolha por ‘apreciação’, são sentimentos estéticos, relacionados à aparência e ao valor das coisas, que são avaliados.

O termo ‘atitude’ é também entrada a outros dois sistemas de segundo nível de delicadeza simultâneos ao sistema TIPOS DE ATITUDE. Serem simultâneos significa que escolhas precisam ser feitas nos três ao mesmo tempo.

Um dos sistemas é POLARIDADE; o outro, TIPOS DE REALIZAÇÃO DA ATITUDE. Quanto à polaridade, a avaliação atitudinal pode ser ‘positiva’ quando é agradável, ‘negativa’ se é desagradável ou ‘ambígua’ nos casos em que não é inequivocamente agradável ou desagradável⁶. No que concerne ao segundo sistema, seus termos são: ‘inscrita’ ou ‘evocada’. Uma avaliação atitudinal é inscrita se ela se realiza explicitamente no texto; é evocada quando é sugerida via indícios textuais, pois tem realização implícita.

A representação gráfica da subrede de atitude está na Figura 1:

⁶ Vale ressaltar que, enquanto o sistema POLARIDADE referido anteriormente trata de se a proposição expressa na ordem lexicogramatical da oração é afirmativa ou negativa, este outro sistema POLARIDADE trata de se as avaliações de sentimentos são boas/favoráveis ou ruins/desfavoráveis ao alvo da avaliação ou trata, ainda, de se não se localizam claramente em um desses polos.

Figura 1: Subrede de atitude até o segundo nível de delicadeza



Fonte: Praxedes Filho e Arraes (2017, p. 387)

Para ilustrar, seguem alguns excertos de textos que contêm avaliações de atitude:

Exemplo 1: “Queira ou não, portanto, **o presidente é o responsável pelo que se passa na economia** [queda de 0,2% do PIB do primeiro trimestre] e em algum momento será cobrado por isso. Vai defender e segurar a atual política? É a pergunta que mete medo a integrantes da equipe econômica”⁷.

No período sublinhado, ‘meter medo’ é uma locução verbal que expressa, explicitamente, sentimento emotivo desagradável. Portanto, a voz autoral avalia, por meio de ‘atitude’ - ‘afeto’ - ‘negativa’ - ‘inscrita’, a reação emocional de membros da equipe econômica ao conteúdo ideacional da pergunta. No primeiro período, a voz autoral defende o posicionamento de que é o presidente que é responsável pelo fracasso econômico. Assim, a voz autoral faz com que os leitores infiram, com base no conteúdo ideacional do trecho em negrito, que o que ela avalia é seu sentimento ético em relação ao comportamento desfavorável do presidente no lidar com questões econômicas, havendo, no trecho, avaliação de ‘atitude’ - ‘julgamento’ - ‘negativa’ - ‘evocada’.

⁷ Excerto retirado da matéria ‘Bolsonaro entre o austericídio e o sincericídio’ por Helena Chagas, publicada no portal Brasil 247 em 3/6/2019. <https://www.brasil247.com/pt/colunistas/helenachagas/395426/Bolsonaro-entre-o-austeric%C3%ADdio-e-o-sinceric%C3%ADdio.htm?utm_source=notification-desktop&utm_medium=notification> Acesso em: 3 jun. 2019.

Exemplo 2: “Não por acaso, seus principais alvos, no ataque sistemático às instituições e ao Estado de Direito, são a **Educação e o Meio Ambiente, áreas vitais em que se constrói e preserva o futuro**”⁸.

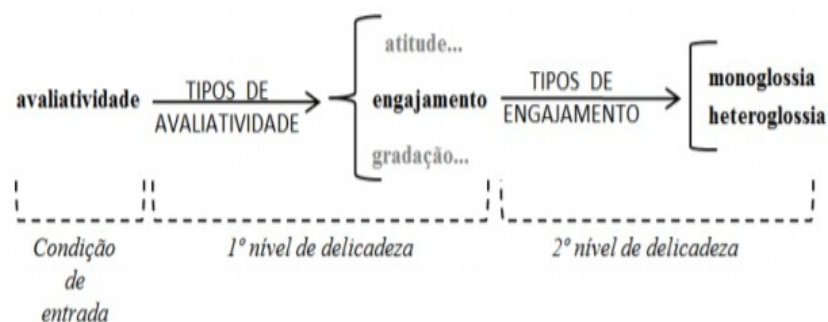
O adjetivo ‘vitais’ expressa, explicitamente, sentimento estético agradável. Então, a voz autoral avalia o valor social da Educação e do Meio Ambiente via ‘atitude’ - ‘apreciação’ - ‘positiva’ - ‘inscrita’.

Engajamento é a área de significados avaliativos concernentes à permissão que a voz autoral dá, ou não, para o diálogo com outras vozes avaliativas. O termo ‘engajamento’ possibilita a entrada no sistema de segundo nível de delicadeza TIPOS DE ENGAJAMENTO. Seus termos são: ‘monoglossia’ ou ‘heteroglossia’. Quando uma avaliação é atribuída à “... subjetividade única, autônoma e isolada da voz autoral ...” e não assume “... tensão ou contradição com qualquer posição ou posições alternativas”⁹ (WHITE, 2003, p. 263), o engajamento é monoglóssico, o que ocorre em assertivas categóricas. Por outro lado, em havendo abertura para o diálogo, a avaliação por engajamento é heteroglóssica, como em proposições negativas, nas quais a voz extratextual com posicionamento afirmativo está presente, em proposições adversativas, nas quais a voz autoral contraria a expectativa de voz extratextual, em proposições cujo posicionamento é baseado em posicionamento de voz extratextual, em proposições modalizadas, nas quais todas as vozes extratextuais com posicionamentos discordantes estão em diálogo, entre outras situações. A Figura 2 representa a subrede de engajamento:

⁸ Excerto retirado da matéria ‘Bolsonaro: pior presidente do mundo ameaça futuro do Brasil’ por Ricardo Kotscho, publicada no portal Brasil 247 em 3 de junho de 2019. Disponível em: https://www.brasil247.com/pt/colunistas/ricardokotscho/395463/Bolsonaro-pior-presidente-do-mundo-amea%C3%A7a-o-futuro-do-Brasil.htm?utm_source=notification-mobile&utm_medium=notification. Acesso em: 3 jun. 2019.

⁹ Na fonte: “... *the textual voice’s single, autonomous and isolated subjecthood ... tension with, or contradistinction to, any alternative position or positions*”.

Figura 2: Subrede de engajamento até o segundo nível de delicadeza



Fonte: Praxedes Filho e Arraes (2017, p. 390)

Ainda sobre o engajamento monoglóssico, Martin e White (2005) defendem que não é qualquer assertiva categórica que realiza esse tipo de avaliação. Para tal, a assertiva categórica deve conter proposição cujo posicionamento é “... construído como algo que não esteja mais no foco de debates, que não esteja disponível para discussão e que, então, possa ser tratado como ‘informação compartilhada’”¹⁰ (p. 101) ou pressuposta pelo interlocutor. Por outro lado, para os mesmos autores, uma assertiva categórica com proposição cujo posicionamento ainda não é ponto pacífico também pode realizar engajamento monoglóssico. É necessário, nesse caso, que a voz autoral apresente os argumentos a favor do posicionamento declarado, por considerar que o interlocutor “... talvez esteja indeciso e à procura de mais orientação ou que, mesmo já se posicionando na direção da voz autoral, ainda esteja interessado em argumentos adicionais”¹¹ (p. 102).

Praxedes Filho e Magalhães (2013; 2015) – levando em conta que textos instanciadores do registro ‘roteiro de AD’ não são argumentativos, mas descritivos –, defendem que assertivas categóricas neles construídas não têm como se enquadrar numa ou noutra situação. Logo, a princípio, decidiram que o engajamento monoglóssico não seria uma categoria analítica, dada a especificidade do registro. Contudo, os dados mostraram, durante a análise, que há assertivas categóricas passíveis de ocorrerem em roteiros de AD com potencial de serem entendidas como monoglóssicas. Restou evidenciado que um audiodescritor pode incluir na AD – sem modalizar ou assertivamente –, um aspecto “... em desacordo com o referido aspecto tal como

¹⁰ Na fonte: “... construed as something which is no longer at issue, which is not up for discussion and which accordingly can be treated as a ‘given’”.

¹¹ Na fonte: “... perhaps undecided and looking for further guidance, or who, while already leaning in the writer’s direction, is still interested in further argumentation”.

aparece ...” no produto (audio)visual ou “... por extrapolação da caracterização do referido aspecto ...” (p. 119) tal como representado no produto. Os pesquisadores denominaram esses tipos de engajamento monoglóssico de “desvio descritivo categórico” e “inferência descritiva categórica” (p. 119), respectivamente.

Os seguintes excertos de textos ilustram avaliações por engajamento:

Exemplo 3: “Elas usam vestido claro, na altura do joelho – roteiro de AD da pintura ‘Duas mulheres correndo na praia’ de Pablo Picasso – ‘engajamento’ - ‘monoglossia’ (desvio descritivo categórico – elas usam saia e blusa)” (PRAXEDES FILHO; MAGALHÃES, 2015, p. 120)

Exemplo 4: “Sentado no batente de uma janela de uma casa de sapê um homem branco toca viola – roteiro de AD da pintura ‘O violeiro’ de José Ferraz de Almeida Júnior – ‘engajamento’ - ‘monoglossia’ (inferência descritiva categórica – o pintor representou a casa como sendo de pau-a-pique, mas não pintou seu telhado, o que impede saber tratar-se de uma casa de sapê)” (PRAXEDES FILHO; MAGALHÃES, 2015, p. 120)

Exemplo 5: “**Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de desemprego no Brasil no período [trimestre encerrado em abril de 2019] foi de 12,5%, representando uma alta em comparação aos 12% registrados no trimestre encerrado em janeiro**”¹².

Pela proposição sublinhada, a voz autoral expressa um posicionamento com base em informação obtida na fonte extratextual em negrito, endossando-a como confiável. Portanto, há avaliação por ‘engajamento’ - ‘heteroglossia’.

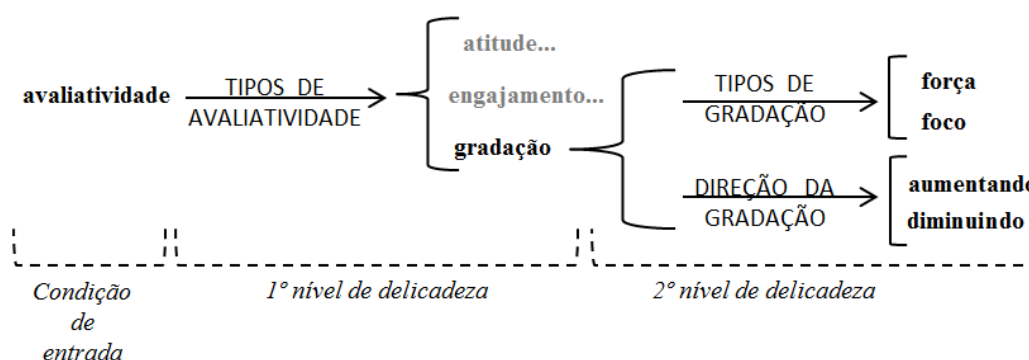
Gradação é a área de significados avaliativos relacionados ao ajuste, para mais ou para menos, das avaliações por atitude e engajamento. O termo ‘gradação’ leva ao sistema de segundo nível de delicadeza TIPOS DE GRADAÇÃO, com os termos ‘força’ ou ‘foco’. Se a escolha for por ‘força’, há ajuste, por um lado, da quantidade, volume ou extensão imprecisos de entidades ou, por outro, da intensidade de processos (grupos verbais) ou qualidades (grupos adjetivais e adverbiais). Sendo ‘foco’ a escolha, o ajuste se dá relativamente à localização de dada entidade dentro da categoria a qual pertence. Quanto mais no centro a voz autoral considera estar a

¹² Excerto retirado da matéria ‘IBGE: 13 milhões de desempregados, 28 milhões sem trabalho ou subempregados’, sem autoria declarada e publicada no portal Brasil 247 em 31 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.brasil247.com/pt/247/economia/395163/IBGE-13-milh%C3%B5es-de-desempregados-28-milh%C3%B5es-sem-trabalho-ou-subempregados.htm>. Acesso em: 4 jun. 2019.

entidade, mais próximo do protótipo da categoria a entidade é avaliada; quanto mais na periferia, mais distante do protótipo é a avaliação.

No segundo nível de delicadeza, há um outro sistema que é simultâneo a TIPOS DE GRADAÇÃO, qual seja: DIREÇÃO DA GRADAÇÃO. Nesse sistema, os termos são ‘aumentando’, escolhido quando o ajuste por ‘força’ ou ‘foco’ é para mais, ou ‘diminuindo’, escolhido se o ajuste é para menos. A Figura 3 mostra a subrede de gradação:

Figura 3: Subrede de gradação até o segundo nível de delicadeza



Fonte: Praxedes Filho e Arraes (2017, p. 392)

Os excertos de texto que seguem ilustram avaliações por gradação:

Exemplo 6: “‘É **muito provável** que mais gente vá para as ruas e que aumente o tom contra o governo’, avalia [o cientista político Daniel Cara]. ‘A perspectiva que se avizinha é muito ruim’”¹³.

O intensificador ‘muito’ no trecho em negrito ajusta para mais a intensidade do significado do grupo adjetival ‘provável’, que modaliza a proposição expressa no primeiro período. Portando, há avaliação por ‘gradação’ - ‘força’ - ‘aumentando’ do engajamento heteroglóssico realizado por ‘provável’. A segunda ocorrência de ‘muito’, no trecho sublinhado, marca o mesmo tipo de gradação, com a diferença de que, desta feita, o ajuste é da avaliação por ‘atitude’ - ‘afeto’ - ‘negativa’ - ‘inscrita’ realizada em ‘ruim’.

¹³ Excerto retirado da matéria ‘Com 5,8 bi ainda congelados, situação de universidades permanece crítica’ por Brasil de Fato, publicada no portal Brasil 247 em 24 de maio de 2019. Disponível em: [https://www.brasil247.com/pt/247/brasil/394486/Com-R\\$-58-bi-ainda-congelados-situa%C3%A7%C3%A3o-de-universidades-permanece-cr%C3%ADtica.htm](https://www.brasil247.com/pt/247/brasil/394486/Com-R$-58-bi-ainda-congelados-situa%C3%A7%C3%A3o-de-universidades-permanece-cr%C3%ADtica.htm). Acesso em: 4 jun. 2019.

Exemplo 7: “Nele [Projeto Arte como Missão], [Ariano Suassuna] presenteia o público com uma aula-espetáculo, em que conta uma série de histórias e transporta os espectadores para um **Brasil genuíno**, simples e intacto”¹⁴.

Ao mesmo tempo em que ‘simples e intacto’ avalia o Brasil por ‘atitude’ - ‘apreciação’ - ‘positiva’ - ‘inscrita’, ‘genuíno’ ajusta essa avaliação atitudinal para mais ao representar a entidade Brasil como prototípica: trata-se do Brasil verdadeiro e não de uma representação meramente aproximada ou distorcida do país. Há, então, avaliação por ‘gradação’ - ‘foco’ - ‘aumentando’ em ‘genuíno’.

3 Base da proposta: a pesquisa em TAVa via SA

Nossa proposta de avaliação de roteiros de AD emergiu a partir de uma das agendas de pesquisa assumidas pelo LEAD/LATAV nos últimos anos. A agenda à qual nos referimos diz respeito à pesquisa conduzida na interface entre os Estudos da Tradução, mais especificamente a modalidade AD da Tradução Audiovisual Acessível, e a Linguística Sistêmico-Funcional, mais precisamente o quadro teórico relativo ao SA. A agenda se encontra, no momento, em sua terceira etapa.

A primeira se ocupou da demonstração empírica de que a neutralidade é inatingível, pois impossível. Para além de Praxedes Filho e Magalhães (2013; 2015), cujo *corpus* foi formado de seis roteiros de AD de pinturas em português e outros seis em inglês, há também Silva e Praxedes Filho (2014), Almeida (2015) e Oliveira Junior e Praxedes Filho (2016). Os *corpora* dos três últimos estudos foram, respectivamente, dois roteiros de AD em francês de filmes de longa metragem, o roteiro de um curta-metragem cearense e os roteiros de dois curtas-metragens paulistas. Tanto o estudo que avaliou roteiros de pinturas quanto os estudos que avaliaram roteiros de filmes, independentemente da língua, demonstraram que todos são repletos de avaliações por atitude, engajamento e gradação, mesmo tendo sido produzidos sob a orientação de neutralidade.

¹⁴ Excerto retirado da matéria ‘Suassuna conta histórias sobre um Brasil esquecido’ por Marcelo Brandão, publicada no portal Brasil 247 em 6 de julho de 2013. Disponível em: <https://www.brasil247.com/pt/247/cultura/107731/Suassuna-conta-hist%C3%B3rias-sobre-um-Brasil-esquecido.htm>. Acesso em: 4 jun. 2019.

Na segunda etapa, partimos do pressuposto de que não há neutralidade em textos que instanciam o registro ‘roteiro de AD’ (nem em textos instanciadores de seja qual for o registro)¹⁵. Portanto, o foco de investigação se deslocou para as características avaliativas de roteiros de AD da perspectiva da estilística tradutória de Munday (2008) e do que Martin e White (2005) chamam de assinatura avaliativa de uma dada voz autoral.

O objetivo da estilística tradutória é “... identificar características de estilo em textos traduzidos e do estilo de tradutores específicos”¹⁶ (MUNDAY, 2008, p. 6). A assinatura avaliativa, por seu turno, emerge do padrão de uso idiossincrático que dada voz autoral faz dos recursos avaliativos lexicogramaticais que realizam suas escolhas de significados avaliativos em textos que instanciam dado registro. Combinando esses conceitos, Praxedes Filho e Magalhães (2015) propuseram o uso de ‘estilo interpretativo’ em AD como termo hiperônimo, englobando os termos hipônimos ‘assinatura avaliativa’ do audiodescritor e ‘estilo avaliativo’ do roteiro de AD. Os estudos concernentes à segunda etapa são: Oliveira Junior (2016) – assinatura avaliativa do audiodescritor de curtas-metragens de temática LGBTQIA+ –, Farias Júnior (2016) – estilo avaliativo do roteiro de AD em português de um longa-metragem –, Lima, Claudino e Praxedes Filho (2018) – assinatura avaliativa da audiodescritora de roteiros de AD de monumentos urbanos –, Praxedes Filho, Santos e Farias Júnior (2017) – assinatura avaliativa dos audiodescritores de peça de teatro. Em decorrência do fato de que, metodologicamente, esses estudos abordaram os roteiros de AD como textos autônomos em relação aos textos (audio)visuais dos quais são tradução, constatamos que a contribuição dos achados para o avanço da teorização em AD não estava sendo efetiva o suficiente. Esse foi o gatilho para a passagem à terceira etapa.

Nela, à interface ET/TAVa/AD - LSF/SA, foi acrescentada alguma teoria específica do audiovisual a fim de que o roteiro de AD pudesse ser analisado como parte de um todo maior, que é o produto (audio)visual audiodescrito. Para a AD fílmica, enquanto Arraes (2017)

¹⁵ A generalização da inviabilidade de neutralidade ou ausência absoluta de avaliação em textos de quaisquer registros pode se apoiar no próprio quadro teórico do SA. Tanto é assim que Martin e White (2005, p. 94) atestam que “... assertivas categóricas ... são tão carregadas intersubjetivamente e, portanto, ‘posicionadas’ quanto os enunciados que contêm marcadores mais explícitos de opinião ou atitude”. Na fonte: “... categorical assertions ... are just as intersubjectively loaded and hence ‘stanced’ as utterances including more overt markers of point of view or attitude”.

¹⁶ Na fonte: “... identify features of style in translated texts and of the style of specific translators”.

recorreu à Poética do Audiovisual de Gomes (2004, *apud* ARRAES, 2017) por meio de modelo analítico de filmes tal como proposto por Mascarenhas (2012, *apud* ARRAES, 2017), Lima (em andamento) está fazendo uso da Narratologia Fílmica de Jiménez Hurtado (2007; 2010, *apud* LIMA, em andamento). Os elementos narratológicos sugeridos por Jiménez Hurtado (2007; 2010) foram adaptados para a encenação teatral de Pavis (2011, *apud*, ABUD, 2018) em Abud (2018), que estudou roteiro de AD de peça de teatro. Claudino (em andamento) está utilizando como *corpus* roteiros de AD de pinturas elaborados com base no modelo sistêmico-funcionalista de leitura de imagens artísticas em 2D e 3D de O'Toole (2011, *apud*, CLAUDINO, em andamento) com o propósito de investigar a preferência de PcDVs: se pelas versões originais dos roteiros, com nível de avaliação muito elevado, ou se por versões em que o máximo possível de avaliações foram retiradas.

Os resultados finais ou parciais dessas pesquisas evidenciaram a eficácia da interface ET/TAVa/AD - SA/LSF e nos fizeram pensar que o aparato teórico-metodológico adotado poderia viabilizar a avaliação de roteiros de AD para fins didático-pedagógicos. A viabilidade é demonstrada na próxima seção.

4 Aplicação piloto da proposta

Nesta seção, são abordados, do ponto de vista de sua avaliação, os roteiros produzidos para o filme 'A Entrevista' (2012), a peça de teatro 'Miralu e a Luneta Encantada' (2016) e o quadro do pintor holandês Pieter Bruegel intitulado 'Caçadores na Neve' (1565). A análise avaliativa dos roteiros foi conduzida segundo a proposta aqui descrita, envolvendo os estudos em audiodescrição (TAVa) e o SA (LSF). Consideramos a aplicação da proposta relatada na sequência como piloto em vista de os audiodescritores dos três produtos serem pesquisadores do LEAD/LATAV.

O filme 'A Entrevista' (2012)¹⁷, baseado no conto homônimo de Rubem Fonseca, foi produzido por alunos do Curso de Letras da UECE na disciplina 'Tradução Intersemiótica'. A trama mostra uma moça que recebe um traficante em seu quarto. Durante a visita, ele a questiona sobre sua vida. Ao final, é revelado que o rapaz já fizera parte da vida da moça. Os alunos tiveram aulas

¹⁷ Direção e produção de Sara Mabel Benvenuto, com 7 minutos e meio de duração.

de cinema e foram responsáveis por todas as etapas de preparação do filme. O roteiro de AD e a narração/locução foram elaborados por integrantes do LEAD/LATAV.

‘A Entrevista’ foi um dos filmes do *corpus* do projeto LOAD¹⁸ (2012-2015), cujo objetivo foi propor parâmetros sistemáticos para orientar audiodescritores em formação na realização da locução na audiodescrição. O roteiro de AD foi avaliado via SA tendo em vista a identificação das ocorrências dos posicionamentos avaliativos do audiodescritor suscitados pelo produto audiodescrito. Por seu turno, os posicionamentos avaliativos identificados foram usados como um dos critérios que nortearam as escolhas de modulação de voz na perspectiva de contribuir para a construção de sentido no momento da locução.

O roteiro é composto por 40 inserções de AD, nas quais há 38 ocorrências de posicionamento avaliativo. Delas, 17 foram classificadas como ‘atitude’, 13, ‘engajamento’, e 8, ‘gradação’. As ocorrências de ‘atitude’ são, na sua maioria, do tipo ‘afeto’ (10), o que aponta para uma tendência de avaliação das emoções dos personagens. Um bom exemplo é a inserção em que é descrita a cena inicial do filme, cuja intenção foi recriar o clima de suspense no qual a personagem principal é apresentada:

Exemplo 8: Pensativa e a fumar lentamente, uma mulher espera sentada em um quarto iluminado apenas por um abajur **laranja**.

O audiodescritor, via escolha do adjetivo ‘pensativa’, posicionou-se implicitamente quanto ao sentimento emotivo da moça. O adjetivo pode evocar, neste caso, a emoção negativa de apreensão relacionada à expectativa da chegada do traficante.

No que diz respeito às ocorrências de ‘juízo’, são cinco. Nas inserções onde estão, é em relação ao comportamento dos personagens que o audiodescritor se posicionou, como podemos ver nos seguintes exemplos:

Exemplo 9: Malandro, ele a olha. Ela traga.

Exemplo 10: Friamente, ela solta a fumaça do cigarro.

¹⁸ ‘A locução na audiodescrição para pessoas com deficiência visual: uma proposta para a formação de audiodescritores’ (2012-2015). Edital Universal 14/2012.

Por meio da escolha do adjetivo ‘malandro’, o audiodescritor pode fazer evocar, no espectador, um posicionamento negativo relativo a como o traficante se comporta frente à moça: um comportamento guiado pela malandrice. Por outro lado, é de modo inscrito ou explícito que a escolha do advérbio ‘friamente’ denota posicionamento negativo relativamente ao comportamento dela frente a ele.

No que concerne aos posicionamentos de ‘apreciação’, há somente duas ocorrências. Como exemplo, trazemos a inserção abaixo:

Exemplo 11: Surpreso, ele reconhece os **lábios vermelhos**, que sorriem com frieza.

A inserção descreve a cena em que o traficante finalmente reconhece a moça, supostamente uma prostituta, que ele havia maltratado e havia articulado aquele encontro com o intuito de vingar-se dele. Não há dúvida de que os audiodescritores, ao dizerem que a moça usa batom vermelho nos lábios, descrevem um fato ficcional. Contudo, poderiam não ter informado a cor dos lábios: foi uma escolha fazê-lo. Portanto, o adjetivo ‘vermelhos’ inscreve um posicionamento negativo sobre a aparência dos lábios, pois é possível que a cineasta/diretora tenha optado por batom na cor vermelha a fim de denotar sentimento de vingança da parte da moça em um filme de estética *noir*. Note-se também que o adjetivo ‘laranja’ na inserção apresentada como exemplo 8 explicita uma avaliação da aparência do abajur que não o caracteriza de modo agradável ou desagradável, mas de modo ambíguo.

Quanto ao ‘engajamento’, quase todas as ocorrências são monoglóssicas (12), havendo apenas uma ocorrência de ‘heteroglossia’. A inserção no exemplo 8 ilustra também ambos os tipos de ‘engajamento’. A monoglossia diz respeito ao desvio descritivo categórico em ‘abajur laranja’, pois nossa percepção de analistas é de que o abajur, na verdade, não é monocromático, mas tricolor. A heteroglossia está no advérbio ‘apenas’. Ao dizer que a fonte da iluminação do quarto é **apenas** um abajur cuja luz não é nem mesmo branca, a voz autoral dos audiodescritores contraria a expectativa das vozes extratextuais das PcDVs, potenciais espectadoras.

Finalmente, as 8 ocorrências de gradação são todas do tipo ‘força’. As inserções nos exemplos que seguem ilustram esse tipo de avaliação:

Exemplo 12: Ele joga a **trouxinha** no criado-mudo ao lado dela.

Exemplo 13: Ela deposita o cigarro no cinzeiro e abre **bruscamente** a gaveta.

No exemplo 12, o sufixo ‘inha’ avalia a trouxa como sendo pequena. O adjetivo ‘pequena’, por seu turno, avalia imprecisamente, diminuindo, o volume da entidade por ele modificada. Em 13, o advérbio ‘bruscamente’ intensifica imprecisamente, aumentando, a ação do processo/verbo ‘abrir’.

O roteiro de AD de ‘A Entrevista’ foi selecionado para a locução porque o filme tem uma carga dramática muito forte a ser transmitida às PcDVs. Como vimos, o roteiro traduziu essa carga dramática por meio de posicionamentos majoritariamente atitudinais. O tipo de sentimento avaliado – se emotivo, ético ou estético –, a polaridade da avaliação – se positiva, negativa ou ambígua –, e tipo de realização – se inscrita ou evocada –, contribuiriam para determinar a variação de modulação da voz, com o propósito de que a locução reconstruísse a mesma carga dramática.

A peça infantil ‘Miralu e a Luneta Encantada’ (2016) foi escrita e dirigida pelo dramaturgo Fernando Lira e encenada pelo grupo Bandeira das Artes. O grupo teatral conta com a presença de dois audiodescritores e pesquisadores do LEAD/LATAV, os quais elaboraram o roteiro de AD. O enredo revolve em torno da

história da menina com deficiência visual chamada Miralu. A menina mora com os tios, Carola e Lucrécio, e o primo, Papito. Todos a tratam aparentemente bem, porém Miralu tem uma insatisfação que se manifesta no seu maior desejo, que é o de enxergar. Então, aparecem em sua vida o Mestre Magolino e seu ajudante Lunático, que lhe dão de presente uma luneta encantada com o poder de conferir visão plena. O presente, no entanto, tem como inconveniente, caso seja usado por um tempo prolongado, fazê-la ver a maldade presente nas pessoas. Ao usar a luneta, Miralu reflete sobre sua condição supostamente limitada e descobre que já enxergava, pois já tinha capacidade plena de entendimento da realidade. (ABUD, 2018, p. 58)

O roteiro de AD constitui-se de 80 inserções com 173 ocorrências avaliativas, assim distribuídas: 143 ‘atitude’, 7 ‘engajamento’ e 23 ‘gradação’. As ocorrências de ‘atitude’ apresentam uma distribuição menos desigual do que no roteiro de AD do filme, sendo 57 ‘afeto’, 33 ‘julgamento’ e 53 ‘apreciação’. Esse resultado mostra que, diferentemente da AD de ‘A Entrevista’, as avaliações se deslocam de um foco quase exclusivo nas emoções dos personagens para contemplar também, muito mais frequentemente em comparação ao roteiro do filme, seus comportamentos e, especialmente, as aparências das coisas¹⁹. Abud (2018, p. 74) explica que

¹⁹ Vale notar que as 53 ocorrências de ‘apreciação’ no roteiro de AD da peça se contrapõem a somente duas ocorrências na AD do filme.

... por ser uma peça infantil, buscou-se na AD fornecer abundantes informações nesse campo emocional das personagens ('afeto'). Também houve preocupação em sublinhar a linguagem teatral, com descrições de cenário, iluminação e figurino ('apreciação'). Por último, teve-se o cuidado de tecer um perfil psicológico das personagens e de suas transformações, essenciais para o desenrolar da narrativa ('julgamento').

O Quadro 1 traz algumas inserções que exemplificam os posicionamentos atitudinais no roteiro de AD de 'Miralu e a Luneta Encantada'.

Quadro 1: Tipos de atitude

Tipos de atitude	Exemplos
Afeto	<p><u>Exemplo 14</u>: Eles [Mestre Magolino, Lunático e Miralu] dançam alegremente. (avaliação positiva de sentimento – 'atitude' –, emotivo – 'afeto' –, dos personagens explicitada no advérbio 'alegremente')</p> <p><u>Exemplo 15</u>: Ela [Miralu] fica feliz e ansiosa para olhar para a luneta. (avaliação positiva de sentimento – 'atitude' –, emotivo – 'afeto' –, de Miralu explicitada no grupo adjetival 'feliz e ansiosa')</p>
Julgamento	<p><u>Exemplo 16</u>: Ele [Papito] finge entregar Neco [boneco de Miralu] a Miralu ... (avaliação negativa de sentimento – 'atitude' –, ético – 'julgamento' –, relativo a comportamento inadequado do primo explicitado no grupo verbal 'fingir entregar')</p> <p><u>Exemplo 17</u>: ... a sombra de Papito imitando monstros é projetada na parede. (avaliação negativa de sentimento – 'atitude' –, ético – 'julgamento' –, relativo novamente a comportamento inadequado de Papito, desta vez explicitado em 'imitando monstros')</p>
Apreciação	<p><u>Exemplo 18</u>: Luzes vermelhas. Tia Carola monta na vassoura. (avaliação de sentimento – 'atitude' –, estético – 'apreciação' –, relativa à aparência nem agradável nem desagradável – 'ambígua' –, das luzes e explicitada no adjetivo 'vermelhas')</p> <p><u>Exemplo 19</u>: Luzes brancas. Tia Carola volta ao normal. (avaliação de sentimento – 'atitude' –, estético – 'apreciação' –, relativa à aparência nem agradável nem desagradável – 'ambígua' –, das luzes e explicitada no adjetivo 'brancas')²⁰</p>

Fonte: Elaborado pelos autores, com exemplos de Abud (2018)

²⁰ Em ambos os exemplos, a presença de avaliatividade nos adjetivos 'vermelhas' e 'brancas' decorre da escolha feita pelos audiodescritores de informar a cor das luzes; poderiam não tê-lo feito. É importante esclarecer que, por um lado, as cores branca, verde, azul e colorida denotam o bem na montagem da peça; por outro lado, a cor vermelha denota o mal. Quando Miralu usa a luneta, ela vê a tia Carola como ela é de fato. Ao afastar a luneta dos olhos, a sobrinha volta a ver a tia como ela aparenta ser.

Ao contrário da AD de 'A Entrevista', na qual todas as ocorrências de 'engajamento' foram monoglóssicas à exceção de uma, na AD da peça, todas as 7 ocorrências são heteroglóssicas, o que sugere que os audiodescriptores permitem o estabelecimento de diálogo entre sua voz autoral e as vozes extratextuais do público de PcDVs em potencial. O exemplo 20 mostra uma das ocorrências de engajamento heteroglóssico:

Exemplo 20: Miralu tenta retirar a luneta do olho, **mas** não consegue.

A voz autoral descreve a cena traduzida por essa inserção, afirmando que "Miralu tenta retirar a luneta do olho", o que possivelmente cria, nos espectadores em potencial, a expectativa de que a luneta seria, de fato, afastada do olho. Contudo, a expectativa das vozes extratextuais, as das PcDVs espectadoras, é contrariada (ARAÚJO; ABUD; PRAXEDES FILHO, 2018).

Da mesma forma que no roteiro de AD de 'A Entrevista', não há ocorrências de 'gradação' - 'foco' no roteiro de 'Miralu e a Luneta Encantada'. Por conseguinte, todas as 23 ocorrências de 'gradação' são do tipo 'força'. As inserções nos exemplos 21 e 22 contêm ilustrações:

Exemplo 21: As luzes acendem **suavemente**.

Exemplo 22: O outro usa calça e **blusão** lilás ...

Como dizem Araújo, Abud e Praxedes Filho (2018), em 21, o processo/verbo 'acender' é avaliado imprecisamente em sua intensidade, para menos ou diminuindo, pelo advérbio 'suavemente'. Em 22, o sufixo 'ão' – em oposição a 'inha', que denota o sentido de pequeno(a) –, denota o sentido oposto – de grande –, o qual é um adjetivo que, no lugar de 'ão', estaria modificando a entidade expressa no substantivo 'blusa', a qual, por seu turno, tem seu volume avaliado imprecisamente para mais ou aumentando.

Como demonstrado, a diferença entre a AD do filme e a da peça se concentra na quantidade proporcionalmente maior de 'atitude' - 'apreciação'. Essa concentração pode decorrer do fato de que os audiodescriptores de 'Miralu e a Luneta Encantada' terem sentido a necessidade de detalhar, ao máximo, a estética da linguagem teatral dos pontos de vista dos cenários, figurinos e da iluminação, com base em sua própria interpretação, possivelmente para facilitar, aos espectadores que são crianças PcDVs, o acompanhamento das escolhas do diretor para a montagem da peça a fim de propiciar uma boa recepção. Por exemplo, as cores da iluminação se

repetem para sinalizar a mudança de comportamento dos personagens a depender de Miralu os estar vendo por meio da luneta ou não, o que foi reconstruído pelos audiodescritores em seu roteiro, a partir de sua interpretação. Ao contrário do que pensam vários profissionais da audiodescrição, a interpretação é parte importante nas inferências a serem feitas pelas PcDVs.

A pintura 'Caçadores na Neve' é parte de uma sucessão de quadros produzidos, sob encomenda, pelo pintor holandês Pieter Bruegel em 1565. A representação detalhista do cotidiano e da cultura popular é uma das principais características das obras de Bruegel e esse é um aspecto marcante em 'Caçadores na Neve', que é um painel de 1,17m x 1,62m. A pintura retrata uma paisagem de inverno rigoroso, onde as pessoas executam atividades típicas dessa estação em várias cenas que constituem uma narrativa imagética cujo resultado é uma paisagem com traços bastante verossímeis.

Após uma análise prévia de duas pinturas com base tanto no modelo semiótico o'tooleano para fundamentar a leitura de obras de arte bi e tridimensionais quanto nas recomendações de De Coster e Mülleis (2007, *apud* NUNES, 2016) e Holland (2009, *apud* NUNES, 2016) para a AD de pinturas, Nunes (2016), no âmbito do LEAD/LATAV, elaborou roteiros de AD de dois quadros de Bruegel: 'Caçadores na Neve' e 'Os Ceifadores'. Segundo a pesquisadora, a escolha por essas pinturas se justifica pela grande proporção dos quadros e por representarem situações comuns para aqueles que estão retratados na obra.

O roteiro de AD de 'Caçadores na Neve' foi produzido em consonância com os resultados das pesquisas que demonstraram empiricamente a inexistência de neutralidade em roteiros de AD citados neste artigo. Portanto, a pesquisadora/audiodescritora não se ateve às recomendações dos documentos reguladores de AD, até mesmo pela impossibilidade de seguir os direcionamentos voltados para a total isenção de posicionamentos. Dessa maneira, o roteiro apresenta um alto teor avaliativo, demonstrado através de uma análise, como nos casos do filme e da peça, por intermédio do SA até o seu segundo nível de delicadeza.

O roteiro contém 90 ocorrências avaliativas divididas em 54 ocorrências de 'atitude', 13, de 'engajamento', e 23, de 'gradação'. As avaliações atitudinais se distribuem entre 27 ocorrências de 'afeto', 1, de 'julgamento', e 26, de 'apreciação'. Logo, o 'afeto' e a 'apreciação' são predominantes em todo o roteiro e demonstram a tendência da audiodescritora em fazer escolhas lexicogramaticais que realizassem avaliações de sentimentos emotivos e estéticos em relação aos elementos representados. Os exemplos a seguir ilustram esses achados:

Exemplo 23: Os cães, **cabisbaixos**, também **denotam cansaço na forma de se locomover**.

Exemplo 24: ...patinadores ... deslizam sobre o gelo em **atitudes de descontração**.

Essas inserções trazem avaliações atitudinais de ‘afeto’. Elas tratam, respectivamente, dos sentimentos dos cães e patinadores, personagens importantes na narrativa imagética. No exemplo 23, a audiodescritora avalia negativa e explicitamente o sentimento de desânimo dos cães pelo cansaço extremo decorrente de caça em neve espessa. Com relação ao exemplo 24, a avaliação igualmente explícita se dirige ao sentimento de conotação positiva dos patinadores, cujo ato de patinar foi interpretado pela audiodescritora como realizado em espírito de descontração. A seguir, apresentamos exemplos de avaliação por ‘apreciação’:

Exemplo 25: ... a **brancura da neve** recobre quase toda a superfície da tela.

Exemplo 26: Eles [os caçadores] se destacam no cenário pelo tamanho e pelas suas vestimentas escuras, **quase da cor dos troncos das árvores**.

As avaliações contidas nas inserções acima referem-se, explicitamente, a aspectos estéticos positivos de elementos da pintura. Quanto ao exemplo 25, não é que Bruegel tenha simplesmente retratado uma paisagem de inverno; ele o fez com um apelo marcante à cor branca. Nunes (2016), a audiodescritora, diz que optou por traduzir / recriar a beleza da pintura, advinda também da presença exacerbada dessa cor, por meio da escolha do uso repetitivo das palavras ‘brancura’ (“brancura da neve”), ‘branca’ (“branca e fria estrada”) e ‘branco’ (“o branco vale”). Portanto, é razoável inferir que ela – ao lançar mão da obviedade da brancura da neve, de uma estrada e de um vale recobertos de neve –, o fez avaliando seu sentimento estético em relação a esses elementos. No exemplo 26, ela interpretou a cor das vestimentas dos caçadores como próxima da cor dos troncos das árvores.

A única ocorrência de ‘atitude’ - ‘julgamento’ está na inserção aqui mostrada como exemplo 27:

Exemplo 27: Outras pessoas [em relação às pessoas que patinam] **simplesmente sentam à margem dos lagos e observam**.

Nesse caso, a audiodescritora avaliou seu sentimento ético relativamente ao comportamento das outras pessoas de forma negativa, tendo em vista que, ao invés de se

juntarem ao grupo que estava se divertindo, eles preferiram apenas observar o momento de descontração. A inferência do tom interpretativo da audiodescritora vem da escolha de ter acrescentado, à descrição, o advérbio ‘simplesmente’, que pode gerar, nos espectadores, a ideia de contraexpectativa: se algumas pessoas patinam para se descontraírem, as demais deveriam estar fazendo o mesmo, mas, passivamente, **simplesmente observam!** Pelo fato de nenhuma das palavras ser explicitamente avaliativa, a realização é do tipo ‘evocada’.

Quanto à subrede de ‘engajamento’, as 13 ocorrências dividem-se entre 2 por ‘monoglossia’ e 11 por ‘heteroglossia’. Os exemplos 28 e 29 ilustram uma ocorrência de cada:

Exemplo 28: Galhos ressecados e desfolhados, **salpicados de neve**, que alcançam toda a altura do quadro e nos quais pousam alguns pássaros.

Exemplo 29: Os caçadores estão de costas para o observador e **parecem caminhar em direção ao vilarejo**, bem de frente às montanhas do outro lado do vale.

No que tange ao exemplo 28, ilustrativo de engajamento monoglóssico, ao se observar os elementos espaciais da pintura e seus detalhes, conclui-se que a parte superior dos galhos das árvores estão totalmente recobertos de neve e não apenas salpicados dela. Por conseguinte, a audiodescritora descreveu um aspecto da pintura, desviando-se categoricamente da representação nela contida: sem modalizar, disse algo em discordância com a representação feita pelo pintor, tendo sido, assim, interpretativa. Na inserção no exemplo 29, a audiodescritora é heteroglóssica, pois permite que vozes extratextuais possam contradizer sua proposição, o que é realizado pelo verbo modal ‘parecem’. Não tivesse escolhido incluir o modalizador, teria sido monoglóssica por inferência categórica.

Das 23 ocorrências avaliativas no escopo da subrede de ‘gradação’, 20 são por ‘força’ e 3 por ‘foco’. Os exemplos seguintes demonstram esses achados:

Exemplo 30: Esse voo do pássaro, quase na altura das montanhas, dá um tom de profundidade ao vale, nos faz perceber o contraste entre as **altas montanhas e o longo vale entrecortado pelos riachos e lagoas**.

Exemplo 31: ... céu de **tom cinza esverdeado**, às vezes quase alvacentos, cor semelhante à dos lagos e das águas do ribeirão.

No exemplo 30, o grau da avaliação atitudinal por ‘apreciação’ das montanhas e do lago é ajustado. A audiodescritora descreve a altura das montanhas e a extensão do vale sem medidas

precisas, configurando-se, assim, em instâncias de ‘força’. A direção do ajuste é ‘aumentando’, haja vista o contraponto com os adjetivos antônimos dos utilizados na descrição: ‘baixo’ e ‘curto’. Na inserção do exemplo 31, o foco da característica que avalia atitudinalmente o céu por ‘apreciação’ – “tom cinza” –, é ajustado por distanciamento do protótipo da categoria ‘cor cinza’: não se trata de cinza genuíno, mas um cinza com traços de verde.

As ADs dos três produtos culturais contêm mais avaliações por ‘atitude’ que avaliações por ‘engajamento’ ou ‘gradação’. No que diz respeito à ‘atitude’, as avaliações de emoções (‘afeto’) ranquearam em primeiro lugar, o que deve decorrer do fato de que é esperado que produtos (audio)visuais artísticos suscitem emoções, as quais tendem a ser avaliadas por espectadores em geral, sejam audiodescritores ou não. Contudo, é a AD do filme que, proporcionalmente, tem mais ocorrências de ‘atitude’ - ‘afeto’: 59% contra 40% na AD da peça e 50% na AD da pintura. Certamente, a motivação deva ter sido a pesada carga dramática do filme.

Em se tratando das avaliações de sentimentos éticos (‘julgamento’) e estéticos (‘apreciação’), estão mais presentes nas ADs de pares diferentes dos produtos: mais ‘julgamento’ nas ADs do filme e da peça e mais ‘apreciação’ nas ADs da peça e da pintura. Parece que os enredos em torno da vingança da possível prostituta direcionada ao traficante e em torno de personagens do bem contra personagens do mal tendo em vista o ensinamento de uma lição podem ter suscitado avaliações de comportamentos nos audiodescritores do filme e da peça, respectivamente. Enquanto os audiodescritores da peça sentiram a necessidade de realçar aspectos da montagem, avaliando-os esteticamente possivelmente com o fim de simplificar a reconstrução, por crianças, das características de cenários, personagens e figurinos, a audiodescritora da pintura, por seu turno, priorizou o realce dos aspectos da narrativa imagética referentes à representação contundente da cena invernal por meio de avaliações estéticas, provavelmente para facilitar a reconstrução, por PcDVs, da beleza do inverno tal como construída por Bruegel.

Para a formação de audiodescritores, uma implicação importante da aplicação, da perspectiva dos posicionamentos atitudinais, desta proposta de avaliação de roteiros de AD é contribuir com a indicação de quais aspectos devem ser levados em conta em suas escolhas tradutórias do visual e como abordá-los: a carga dramática de obra ficcional audiovisual via ‘afeto’, como no filme; o comportamento de personagens bons x maus via ‘julgamento’, como

no filme e na peça; características estéticas via 'apreciação' para facilitar a compreensão da composição de dada obra por audiência específica, como na peça, bem como para facilitar a reconstrução do nível de beleza da obra, como na pintura.

Do ponto de vista da abertura ou não, pela voz autoral do audiodescritor, a vozes extratextuais ('engajamento'), na AD da pintura, igualmente à AD da peça, os posicionamentos heteroglóssicos são maioria (86% contra 100%, respectivamente). Por outro lado, são os posicionamentos monoglóssicos que são maioria (92%) na AD do filme, o que indica que os audiodescritores do filme, em frequência elevada, se desviaram dos conteúdos das imagens ou fizeram inferências a partir deles, sem nenhuma indicação de que suas interpretações são apenas uma entre outras alternativas. O mesmo não se deu com os audiodescritores da peça e da pintura.

Uma implicação imediata da aplicação da proposta, da perspectiva dos posicionamentos por 'engajamento', é que audiodescritores em formação devem ser alertados sobre o seguinte: devem fazer um cotejo rigoroso entre roteiro e imagens descritas para a detecção de desvios e sua correção; sempre que tiverem dúvida sobre algum aspecto de dada imagem ou desejarem extrapolar o que nelas é visto, não devem apresentar dúvidas e extrapolações sem modalizá-las, com o objetivo de as PcDVs não as tomarem como certezas. Então, para que elas não criem uma imagem distorcida do produto (audio)visual alvo da AD, é aconselhável que transformem suas monoglossias em heteroglossias.

Relativamente a ajustes de entidades, processos e qualidades, os números de ocorrências dos posicionamentos graduacionais são maiores, em patamares equivalentes, nas ADs do filme e da pintura (21% x 25%). A AD da peça tem apenas 13% de 'gradação'. São resultados que parecem se justificar pelo fato de ter sido necessário, por um lado, intensificar as emoções na reconstrução da carga dramática do filme e, por outro, indicar a grandeza de elementos em primeiro plano num quadro grande e a pequenez de outros em segundo plano. Nos dois casos, são aspectos que precisam ser enfatizados. Portanto, a audiodescritores em formação, pode ser dito que usem 'gradação' sempre que houver a necessidade de ênfase na intensidade imprecisa de processos e qualidades ou na quantificação imprecisa de entidades.

5 Considerações finais

As questões concernentes à neutralidade/objetividade x interpretação/subjetividade em AD tornaram-se tema de discussão originárias no âmbito acadêmico – mais especificamente na UECE –, e, posteriormente, no âmbito profissional. A justificativa para tal discussão tem a ver com o fato de que nunca houve, quanto a essa modalidade tradutória, uma teoria específica que pudesse atestar a impossibilidade de ausência de posicionamentos ou existência de impessoalidade. Contudo, os pesquisadores do LEAD/LATAV entendemos que os posicionamentos interpretativos e, portanto, a subjetividade de um produtor textual/tradutor sempre estão impressos em seus textos porque as próprias escolhas por utilizar determinadas palavras e estruturas gramaticais em traduções já são, por si só, um ato interpretativo, pois, da perspectiva da LSF, essas escolhas são feitas em detrimento de outras em potencial que poderiam ter sido feitas. Esse entendimento tinha que ultrapassar as fronteiras da UECE; então, lançamos mão do SA/LSF para iniciarmos a discussão no ambiente de uma agenda de pesquisa, que ora está em sua terceira fase.

Os resultados das pesquisas conduzidas nas três fases têm emancipado os audiodescritores do longo tempo demandado para que façam escolhas lexicogramaticais em seus roteiros, na tentativa de atingir o ideal inalcançável do parâmetro de neutralidade: a incongruência dos postulados advindos dos documentos reguladores fora e dentro do Brasil restou comprovada empiricamente. Logo, a comprovação da invalidade do parâmetro tem trazido maior autonomia e independência para quem faz AD e isso tem refletido na qualidade do trabalho.

Foi a constatação da eficácia da interface ET/TAVa/AD - SA/LSF nessas pesquisas que nos permitiu intuir que o aparato teórico-metodológico do SA, nelas adotado, poderia ser usado também para avaliar roteiros de AD com o propósito de informar a formação de audiodescritores. Por conseguinte, a proposta que aqui apresentamos é um dos importantes frutos da agenda de pesquisa do LEAD/LATAV em torno da interface.

O propósito do artigo, no entanto, foi relatar os resultados de aplicação piloto proposta por meio dos achados decorrentes das análises dos roteiros de AD de ‘A Entrevista’, ‘Miralu e a Luneta Encantada’ e ‘Os Caçadores na Neve’. Pensamos que o objetivo foi satisfatoriamente alcançado, pois já é possível apontar que a proposta pode, de fato, contribuir na formação de audiodescritores, indicando-lhes que tipo de avaliação devem enfatizar a depender das escolhas dos aspectos do texto visual a serem priorizados na descrição. Por exemplo, se o que deve ser priorizado é: a carga

dramática de um filme, peça, ópera, espetáculo de dança, avaliação por 'atitude' - 'afeto'; o confronto entre o bem e o mal em personagens, avaliação por 'atitude' - 'julgamento'; características estéticas visando tornar mais facilmente compreensível a composição da montagem nas artes cênicas ou o quão belo é dado elemento numa pintura ou escultura, avaliação por 'atitude' - 'apreciação'; a ênfase na intensidade imprecisa de sentimentos, ações ou quantificação imprecisa de coisas, avaliação por 'gradação'. A contribuição advém também do fato de que a proposta mostra a necessidade de os treinandos serem alertados a: fazerem cotejo entre o que escrevem em seus roteiros e respectivas imagens para evitarem 'engajamento' - 'monoglossia' por desvio descritivo categórico; se escolhem incluir suas dúvidas sobre a imagem ou fazer inferências sobre elas, que o façam via 'engajamento' - 'heteroglossia', não permitindo, assim, que inferências descritivas categóricas cheguem às PcDVs.

Não temos dúvida de que a proposta pode ser igualmente relevante para o aperfeiçoamento de audiodescritores profissionais, especialmente aqueles cuja formação se deu quando o parâmetro de neutralidade ainda era regra indiscutível em AD. Além do mais, como já sinalizamos, a proposta tem repercussão obrigatória na narração/locução dos roteiros, no sentido de contribuir na decisão de como a voz deve ser modulada na expressão de sentimentos, incertezas, ênfases. Afinal, é o narrador/locutor que dá vida ao texto e sua interpretação vocal interfere diretamente no interesse das PcDVs e, portanto, no sucesso desta atividade tradutória.

Referências

ALMEIDA, J. M. B. **O roteiro de audiodescrição do filme de curta-metragem 'Águas de Romanza' é neutro?** uma pergunta para o Sistema de Avaliatividade. 2015. 39f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

ABUD, J. V. T. **Análise do roteiro de audiodescrição da peça 'Miralu e a Luneta Encantada':** um estudo descritivo via sistema de avaliatividade. 2018. 177f. Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

ARAÚJO, V. L. S.; ABUD, J. T.; PRAXEDES FILHO, P. H. L. Análise do roteiro de Audiodescrição da peça Miralu e a Luneta Encantada via sistema de avaliatividade. *In*: MAYER, F.A; PINTO, J. **Perspectivas contemporâneas em Audiodescrição**. Curitiba: CRV, 2018, 115-132.

ARRAES, D. A. **A (falta de) reconstrução de programas de efeitos em roteiros de audiodescrição de filme via posicionamentos avaliativos do audiodescritor:** um estudo de caso. 140f. 2017. Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

BENECKE, B. Audio-Description. **Meta: Translators' Journal**, v. 49, n. 1, 2004, p. 78-80.

CHARTE de qualité de l'audiodescription, 2008. Disponível em: <https://www.sdicine.fr/wp-content/uploads/2015/05/Charte-de-laudio-description-1008.pdf>. Acesso em: 15 maio 2019.

CLAUDINO, K. A. **Roteiros de audiodescrição de pinturas**: a preferência de pessoas com deficiência visual por descrições mais ou menos avaliativas. Em andamento. Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, em andamento.

FARIAS JÚNIOR, L. **Roteiro de AD em português do filme 'Ensaio sobre a cegueira'**: um estudo descritivo sobre o estilo avaliativo do texto. 2016. 255f. Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic**: the social interpretation of language and meaning. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **Introduction do Functional Grammar**. 3 ed. London: Arnold, 2004.

HYKS, V. AD and Translation: two related but different kills. **Translating Today Magazine**. v. 4, 2005, p. 06-08.

LIMA, A. K. F. **Características avaliativas na AD de SAMANTHA!**: um estudo de caso sobre um seriado de comédia. Em andamento. Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, em andamento.

LIMA, A. K. F.; CLAUDINO, K. A.; PRAXEDES FILHO, P. H. L. Audiodescrição de monumentos de Fortaleza: um estudo sobre as características avaliativas. **PERcursos Linguísticos**, v. 8, n. 20, 2018, p. 45-63.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The language of evaluation**: appraisal in English. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.

MUNDAY, J. **Style and ideology in translation**: Latin American writing in English. Londres e Nova York: Routledge, 2008.

NUNES, M. S. **Uma proposta de audiodescrição de pinturas de Bruegel sob a perspectiva dos estudos da tradução e da semiótica social multimodal**. 2016. 306f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

OLIVEIRA JUNIOR, J. **Desmistificando a neutralidade em AD via sistema de avaliatividade**: um estudo exploratório-descritivo sobre a assinatura do audiodescritor de curtas de temática LGBT. 2016. 205f. Tese (Doutorado) – Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

OLIVEIRA JUNIOR, J.; PRAXEDES FILHO, P. H. L. A (não)neutralidade em roteiros de audiodescrição-AD de filmes de curta-metragem via sistema de avaliatividade. *In*: CARPES, D. S. (Org.). **Audiodescrição**: práticas e reflexões. Santa Cruz do Sul-RS: Catarse, 2016, p. 22-36.

PRAXEDES FILHO, P. H. L. ; ARRAES, D. A. Avaliar ou não avaliar, eis a questão: o estado da arte nas pesquisas sobre avaliatividade em audiodescrição. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 56, n. 2, 2017, p. 379-415.

PRAXEDES FILHO, P. H. L.; MAGALHÃES, C. M. A neutralidade em audiodescrições de pintura: resultados preliminares de uma descrição via teoria da avaliatividade. *In*: ARAÚJO, V. L. S; ADERALDO, M. F. (Org.). **Os novos rumos da pesquisa em audiodescrição no Brasil**. Curitiba: CRV, 2013, p. 73-88.

PRAXEDES FILHO, P. H. L.; MAGALHÃES, C. M. audiodescrições de pinturas são neutras? Descrição de um pequeno *corpus* em português via teoria da avaliatividade. *In*: PONTES, V. O; CUNHA, R. B; CARVALHO, E. P.; TAVARES, M. G. G. (Org.). **A tradução e suas interfaces: múltiplas perspectivas**. Curitiba: CRV, 2015, p. 99-130.

PRAXEDES FILHO, P. H. L.; SANTOS, S. A.; FARIAS JÚNIOR, L. R. Tendência de assinatura avaliativa: um estudo de caso exploratório em roteiro de audiodescrição de peça de teatro. **Entrepalavras**, v. 7, 2017, p. 243-265.

SNYDER, J. **Translating Today Magazine**. Volume 4, 2005, p.15-17.

SILVA, C. F.; PRAXEDES FILHO, P. H. L. A (in)existência de neutralidade: um estudo de caso baseado em *corpus* com roteiros de audiodescrição francesas de filmes via Teoria da Avaliatividade. **Letras & Letras**. v. 30, n. 2, 2014, p. 367-400.

STANDARDS for audio description and code of professional conduct for describers. 3 ed. Audio Description Coalition, 2009. Disponível em: https://audiodescriptionsolutions.com/wp-content/uploads/2016/06/adc_standards_090615.pdf. Acesso em: 15 maio 2019.

WHITE, P. R. R. Beyond modality and hedging: a dialogic view of the language of intersubjective stance. **Text**, v. 23, n. 2, 2003, p. 259-284.

Recebido em: 18.08.2019

Aprovado em: 09.10.2019